

**LYCEU NACIONAL RIO BRANCO:
“UMA OBRA DE CULTURA E PATRIOTISMO” 1926-1934**

Valéria Antonia Medeiros/PUCSP

Em 25 de setembro de 1926, data da “reunião histórica” na casa de Savério Cristóforo com um grupo de amigos, decidiu-se criar o Lyceu Nacional Rio Branco. “Compunha o grupo fundador, além de Cristóforo, Antonio de Sampaio Dória, Roldão Lopes de Barros, Almeida Junior, Lourenço Filho, Guilherme Merbach e outros”. (Batista, 1996, p. 55)

O interesse por esta instituição se deve ao fato de constituir um lugar privilegiado para flagrar a rede de relações na qual se inseriu, de modo destacado, Antonio de Sampaio Dória – objeto de estudo particular¹. Com este estudo pretende-se, também, evidenciar a pertença do Lyceu Nacional Rio Branco ao movimento de modernização do ensino desenvolvido nas primeiras décadas da República no Brasil.

Tem-se por hipótese que o Lyceu foi uma espécie de “laboratório” de aplicação das propostas de ensino defendidas, particularmente, por Sampaio Dória, Almeida Junior e Lourenço, anos antes da criação da instituição.

Por meio das fontes disponíveis sobre o Lyceu, verifica-se que, no grupo responsável pela fundação e sustentação do Lyceu até meados da década de 1930², estiveram presentes de modo decisivo e constante, entre os fundadores acima mencionados, Sampaio Dória, Lourenço Filho e Almeida Junior, ocupando posições de direção e docência na instituição. Verifica-se, ainda, mediante o cruzamento das biografias destes três homens que os laços de sociabilidade (Sirinelli, 1996) construídos entre eles iniciaram-se mais ou menos dez anos antes da criação do Lyceu Nacional Rio Branco, o que permite considerá-los como o grupo mais afinado integrante da instituição no período estudado.

¹ Antonio de Sampaio Dória é o tema da tese de doutoramento em andamento, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Mirian Jorge Warde.

² As informações disponíveis até o momento dão conta que em meados da década de 1930 ocorreram mudanças significativas na composição da direção da instituição. Tudo indica que neste período Sampaio Dória foi assumindo o controle administrativo e financeiro do Lyceu., até que em 1945, já proprietário da instituição que contava com 1.600 alunos, Dória decide fechá-la. No entanto, uma mobilização de pais e professores pressiona Sampaio Dória a vender as instalações do Colégio para José Ermírio de Moraes que manteve o nome da instituição - Colégio Rio Branco, já que esta denominação não fora registrada oficialmente por Dória. (Cf. Diário Oficial de 13/7/1944 e Batista, 1996)

Sendo assim, o presente trabalho perseguiu a atuação deste grupo em particular, reconstruindo as suas trajetórias profissionais a partir de vários “campos magnéticos” (Sirinelli, 1996), ou seja, grandes causas, grandes eventos, lugares e instituições aos quais Sampaio Dória, Lourenço Filho e Almeida Junior foram atraídos e nos quais se engajaram de modo peculiar. Pretende-se, então, estabelecer as conexões que podem explicar a decisão de participarem da criação do Lyceu.

Localizada na cidade de São Paulo, esta renomada instituição educacional, atualmente conhecida como Colégio Rio Branco, reuniu entre seus alunos, além dos filhos dos próprios fundadores da instituição, de seus parentes e amigos, os filhos de uma parcela da elite política e econômica da cidade de São Paulo.

Considerando que havia em São Paulo, no ano de criação do Lyceu Nacional Rio Branco, um número razoável de instituições educacionais particulares que ofereciam os mesmos cursos que o Lyceu, cabe perguntar: o que motivou a criação de uma instituição educacional de tal monta? Quais os atrativos especiais oferecidos pela instituição que explicam a adesão de uma parcela significativa da elite paulista?

Para indicar algumas respostas a estas questões serão apresentados os laços de sociabilidade construídos entre Sampaio Dória, Almeida Junior e Lourenço Filho durante as décadas de 1910 e 1920; as principais propostas por eles defendidas por ocasião da Reforma de 1920 e reiteradas na Sociedade de Educação e algumas das características do projeto pedagógico do Lyceu Nacional Rio Branco.

A) OS LAÇOS DE SOCIABILIDADE

No prospecto de 1928 informa-se a composição do Conselho Deliberativo da Sociedade Lyceu Nacional Rio Branco, com as respectivas credenciais de cada um de seus membros, apresentada na seguinte ordem:

- Dr. A. de Sampaio Dória (Professor da Faculdade de Direito, ex-Diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo)
- Dr. Roldão de Barros (Lente da *Escola* Normal do Braz, ex- Diretor do mesmo estabelecimento)
- Dr. A. de Almeida Junior (Lente da Escola Normal do Braz, ex- Assistente do Instituto de Hygiene na secção de “Hygiene Escolar”)
- Prof. Savério Cristóforo (Professor adido à Escola Normal, Diretor-Fundador do Instituto Rio Branco)
- Prof. Bergstrom Lourenço Filho (Lente da Escola Normal da Capital, ex-Diretor da Instrução Pública do Estado do Ceará, em comissão)
- Dr. Henrique Bayma (Bacharel em Direito, do Instituto da Ordem dos Advogados de S. Paulo)
- Prof. Guilherme Prestes Merbach (Professor Normalista, Docente do Antigo Instituto Rio Branco).

Nos dois prospectos seguintes disponíveis, um publicado em 1930 e outro em 1934, a apresentação da diretoria da instituição mantém-se quase a mesma, considerando o grupo aqui perseguido – Sampaio Dória, Lourenço Filho, Almeida Junior. Assim, tem-se em 1930 a seguinte apresentação:

<u>Conselho Deliberativo:</u> Dr. Antonio de Sampaio Dória Dr. Roldão Lopes de Barros Prof. Savério Cristófaró Dr. A. de Almeida Junior Dr. Bergstrom Lourenço Filho Prof. Guilherme Prestes Merbach Prof. A. Gonçalves da Silva Dr. João de Sampaio Dória	<u>Administração:</u> Diretor: Dr. Almeida Junior Vice-diretor: J. Thomaz de Aquino
	<u>Escola Rio Branco</u> (curso primário) Diretor: Dr. B. Lourenço Filho

Em cada um dos cursos oferecidos pela instituição consta um diretor ou responsável direto, porém, destacou-se somente o diretor do curso primário, o Dr. Lourenço Filho cuja permanência neste cargo, ao que parece, se deu pelo menos até 1934. Neste ano já estava em funcionamento, também, uma Escola Normal oficializada.

Consta no prospecto da instituição datado de 1934 a seguinte apresentação dos integrantes da direção da instituição

<u>Diretoria Social</u> Dr. A. de Sampaio Dória, presidente Dr. Roldão Lopes de Barros, vice presidente Dr. Almeida Junior, diretor-técnico	<u>Conselho Fiscal</u> Dr. M. B. Lourenço Filho Prof. G. P. Merbach Prof. A. Gonçalves da Silva
--	--

Em relação à Savério Cristófaró, um nome, desconhecido na literatura educacional, sabe-se que foi professor da Escola Normal da Praça da República e integrante da Sociedade de Educação de São Paulo (1922-1925 e 1927-1930) (Nery, 1999). A Sociedade de Educação foi mais um campo magnético que atraiu alguns dos integrantes do grupo que organizou o Lyceu Nacional Rio Branco. Faziam parte da entidade Cristófaró, Lourenço Filho, Sampaio Dória, Almeida Junior e Roldão Lopes de Barros.

Na Sociedade de Educação Sampaio Dória, Almeida Junior e Lourenço Filho atuaram de modo destacado, integrando várias de suas diretorias⁴, participando da comissão de redação da *Revista da Sociedade de Educação*, especialmente Sampaio Dória e Almeida Junior e proferindo diversas conferências nas reuniões da Sociedade, cuja sede social funcionou por vários anos, em sua 2ª fase, no Lyceu Nacional Rio Branco.

Mas, embora não conste no prospecto de 1928 todas as credenciais de Sampaio Dória, Almeida Junior e Lourenço Filho, há evidências de que os laços profissionais e

³ Verifica-se que, neste ano de 1934, Cristófaró Savério está ausente, pois faleceu em agosto de 1930, quando então Sampaio Dória assumiu a direção da instituição. (Batista, 1996, pp. 55-56).

⁴ Nery (1999) divide a atuação da Sociedade de Educação em duas fases: a 1ª fase que corresponde ao período de 1922 a 1925 e a 2ª fase ao período de 1927 a 1930, porque neste intervalo de tempo a autora supõe que a falta de verbas impediu a continuidade das atividades da entidade, cujo financiamento provinha principalmente da Diretoria da Instrução Pública de São Paulo. Sampaio Dória integrou a primeira diretoria da Sociedade de Educação (eleita em maio de 1922) e terceira (eleita novembro de 1923). Almeida Junior integrou a segunda (eleita em março de 1923) e a primeira diretoria da 2ª fase da entidade (eleita em agosto de 1927). Lourenço Filho não consta entre os membros da 1ª fase da entidade, possivelmente, porque neste

peçoais entre eles iniciaram-se na Escola Normal Secundária da Praça da República. Ali Dória ingressou em 1914, mediante concurso para a cadeira de Psicologia, Pedagogia e Educação Cívica. Em 1916, Lourenço Filho, ex-aluno de Almeida Junior em 1912 na Escola Normal Primária em Pirassununga, ingressa como aluno da Escola Normal Secundária da Praça da República sendo, então, aluno de Dória, com quem certamente desenvolveu o gosto pela psicologia experimental, a ponto de tornar-se uma constante em sua trajetória profissional. Ainda nesta instituição, Almeida Junior, diplomado pela mesma em 1909, voltou a ela como assistente de direção em 1919, ao mesmo tempo em que cursava a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, onde formou-se em 1921 e doutorou-se em 1922, tendo nesta ocasião apresentado o trabalho intitulado *O saneamento pela educação*.(cf. Fávero e Britto, 2002). Desde então, as questões da educação higiênica, um dos pilares da organização da escola moderna, foram objeto de interesse de Almeida Junior.

Além da participação destes homens no movimento de modernização do ensino, a campanha cívico-nacionalista constituiu-se outro campo magnético que os atraiu. Em meados da década de 1910, auge da campanha cívico-nacionalista no Brasil, encontram-se Sampaio Dória, Lourenço Filho⁵ e Almeida Junior, engajados, de modo direto ou indireto, em duas das mais importantes expressões do movimento, na *Revista do Brasil* fundada em 1916 por Monteiro Lobato e Júlio de Mesquita Filho e na Liga Nacionalista de São Paulo (1917-1924), da qual Sampaio Dória foi um dos principais expoentes. Na *Revista do Brasil* considerada, posteriormente, o “braço cultural” da Liga Nacionalista Sampaio Dória e Almeida Junior foram colaboradores, publicando artigos. Lourenço Filho foi diretor deste periódico em 1919. (cf. Luca, 1999) Os estreitos laços de sociabilidade já firmados entre eles em fins da década de 1910, tornam-se mais estreitos durante a década seguinte.

B) A REFORMA DE 1920

O nacionalismo e a adoção de medidas educacionais de caráter moderno podem ser considerados as principais características da Reforma da Instrução Pública de São Paulo, idealizada por Sampaio Dória, em 1920 quando assumiu o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública de São Paulo, ocasião em que convidou Almeida Junior para seu assessor

período esteve exercendo o cargo de Secretário do Interior do Ceará, mas integrou a 2ª fase da Sociedade de Educação, ocupando o cargo de vice-presidente da diretoria eleita em 1928.

⁵ Embora Lourenço Filho não figure na lista dos membros da Liga Nacionalista de São Paulo, participou ativamente da instalação dos núcleos de alfabetização da Liga em Sorocaba (1917) e em Piracicaba (1918). (Cf.

e Lourenço Filho para implantar a reforma em Piracicaba. Nesta ocasião Lourenço Filho, por indicação Sampaio Dória havia assumido, também em 1920, a cadeira de Pedagogia e Educação Cívica na Escola Normal Primária da Praça da República, em substituição à Roldão Lopes de Barros.

No final do mesmo ano, após a aprovação da reforma elaborada por Sampaio Dória, em 8 de dezembro de 1920 (decreto nº 1750), Lourenço Filho “é nomeado professor da cadeira de pedagogia e psicologia, e em comissão, para a de prática pedagógica da Escola Normal de Piracicaba, as mais importantes da instituição, aquelas que iriam imprimir aos trabalhos escolares as novas diretrizes pedagógicas”. (Hilsdorf, 2002, p. 98)

Lourenço Filho, considerado o “homem da reforma”, chegou na “cidade com uma programação de atividades previamente estabelecida e certamente proposta como um padrão a ser copiado pelos outros núcleos da reforma no Estado de São Paulo”. (Idem, pp.96 e 105-106) Os laços pessoais⁶, além dos laços profissionais, particularmente entre Dória e seu discípulo - Lourenço Filho já eram suficientemente estreitos para que Dória confiasse a Lourenço Filho a responsabilidade de implantar a reforma de 1920 em uma cidade como Piracicaba, descrita por Hilsdorf como “bastante agitada culturalmente” e “envolvida em intensas lutas políticas”. Além disto, era um “centro ativíssimo de educação escolar”. (2002, p. 104)

A classificação das crianças nos jardins de infância e nas escolas maternais segundo seu desenvolvimento, bem como a determinação de que seus programas realizem a adequação das “formas de Froebel às condições de nosso meio”; a adoção na escola primária, no ensino médio e nas escolas normais do método intuitivo-analítico; a educação física, a música, os trabalhos manuais; a adoção dos preceitos médico-higienistas; a autonomia didática; a disciplina de moral e civismo, a oficialização do escotismo em todos os cursos; a reorganização das Escolas Normais com formação marcadamente pedagógica; a república escolar; a criação da Faculdade de Educação e sua revista foram algumas das principais medidas adotadas na Reforma de 1920 (cf. Relatório, 1921), consideradas exemplares do movimento de modernização do ensino.

Ao que parece, o envolvimento de Sampaio Dória, Lourenço Filho e Almeida Junior nesta reforma – que segundo a literatura educacional foi um marco na estruturação

Hilsdorf, 2002, p.98)

⁶ A cumplicidade profissional e o estreitamento dos laços afetivos entre eles podem ser confirmadas, ainda, pelo fato de, poucos anos depois, Lourenço Filho ter convidado Dória e sua esposa para serem padrinhos do primeiro filho – Ruy Lourenço Filho, nascido em 1925. (Cf. Monarcha e Lourenço Filho, 2001)

do ensino público paulista – os impulsionou e os credenciou como participantes de diversos campos magnéticos durante toda a década de 1920, nos quais evidencia-se a reiteração de propostas educacionais semelhantes às verificadas na Reforma de 1920, algumas das quais não vingaram na sua implantação ou foram consideradas mal interpretadas (cf. Dória, 1923).

Em 1921 Sampaio Dória - já não mais Diretor Geral da Instrução Pública, apresentou dois trabalhos no Congresso Interestadual do Ensino Primário realizado no Rio de Janeiro, na qualidade de representante da Liga Nacionalista de São Paulo: “um sobre o papel social da ‘Escola Agrícola de Piracicaba’, e outro, sobre o ensino da pedagogia na Escola Normal, transcrevendo e oferecendo como padrão para todos as escolas do país, o plano de prática pedagógica elaborado e aplicado por Lourenço Filho em Piracicaba”. (Hilsdorf, 2002, p.99)

Nos anos seguintes os laços pessoais e profissionais construídos, especialmente, com Lourenço Filho e Almeida Junior foram mantidos, como já dito, durante a década de 1920 e meados da década de 1930, mediante a participação deles, principalmente, no chamado grupo d’*O Estado de S. Paulo*, um dos maiores divulgadores da Reforma de 1920 (Larizzatti, 1999) e na Sociedade de Educação, onde as propostas da Reforma eram frequentemente debatidos nas conferências promovidas pela Sociedade de Educação, assim como na revista da entidade. (cf. Nery, 1999), além, é claro, do próprio Lyceu Nacional Rio Branco.

C) LYCEU NACIONAL RIO BRANCO: A REALIZAÇÃO DE UM PROJETO

A criação do Lyceu foi apresentada como “uma obra de cultura e patriotismo”. (Prospecto, 1928, p.9) O programa e método de ensino necessários para a formação dos alunos nos vários cursos oferecidos no Lyceu, bem como as condições dos prédios e demais dependências e as atividades ali adotados podem ser considerados exemplos das concepções modernas de educação e aprendizagem defendidas pelos três homens aqui destacados.

O mais importante no Lyceu, segundo sua direção, é a aquisição de hábitos e a consciência cívica. A combinação da educação moral, educação cívica e conhecimentos das ciências naturais era considerada a mais moderna forma de educar, conforme consta no prospecto de 1930, na descrição sobre a Escola Rio Branco – Curso Primário:

UMA ESCOLA MODERNA. – A Escola Rio Branco tem o tipo não só de uma escola graduada e seletiva, mas o de uma escola experimental, em que os professores procuram dia

a dia melhorar o seu ensino, modelando-o pelo que de melhor se tem feito no país e no estrangeiro. (...) Exercitando-se metodicamente no aprendizado da leitura, da escrita e do cálculo, a criança é levada também a desenvolver harmonicamente todos os seus poderes mentais, a habilidade no observar, imaginar e concluir. Ao mesmo tempo aprende a zelar pela saúde, graças aos hábitos que adquire nos exercícios de educação física, e pelos conhecimentos de higiene; adapta-se à vida normal de hoje pelas noções imprescindíveis das ciências naturais, deveres cívicos e sociais; aprende a agir, e a agir proficuamente, visando já uma utilidade social, profissão ou trabalho. (1930, p.20)

E quanto ao método de ensino informa o mesmo prospecto:

Para a consecução de tal finalidade, adotam-se, tanto quanto o permitam as circunstâncias, os mais modernos processos de ensino, os da ‘Escola Ativa’, de que a Escola Rio Branco é a pioneira em São Paulo.

O segredo de tais processos está em tirar o maior partido dos interesses naturais da criança, levando-a a observar, a associar e a exprimir, tudo de modo a que possa extrair de seu trabalho a maior vantagem educativa. Evitam-se as decorações estéreis, o trabalho fatigante e nocivo do aprendizado verbalista. Dão-se, contudo, tarefas apropriadas à idade e ao adiantamento da criança, e habitua-se o aluno a usar, inteligentemente, de compêndios e livros de consulta. Este último ponto, muitas vezes desprezado em nossas escolas, é bastante cuidado na Escola Rio Branco, que se esforça por habituar o aluno, desde cedo, a trabalhar por si, contando com os seus próprios recursos. (1930, p.?)

Há uma preocupação conjugada entre formação física, cultural, cívica e moral em todos os cursos oferecidos pela instituição, por meio da educação física, das competições esportivas, do escotismo e outras atividades destacadas no prospecto da instituição: “(...) são frequentes as aulas-passeios ou excursões escolares. Organizam-se, igualmente, jornais de classe, e revistas dos grandes acontecimentos do mês, de modo a iniciar o espírito dos alunos na vida universal”. (1930). Além disto, criação de uma agremiação, a promoção de “semanas educativas” e conferências são outros elementos adotados no Lyceu que sinalizam a inserção da instituição no movimento de modernização do ensino.

Destes elementos acima mencionados vale salientar que a preocupação com a educação cívica⁷ deve-se, muito provavelmente, à Sampaio Dória que procurou, em diversas ocasiões, implantar situações que promovessem a formação da consciência cívica.

⁷ Em relação à questão da educação cívica há um aspecto interessante. Cada sala de aula do Lyceu recebia o nome de uma figura histórica, saliente pela sua atuação numa dada época”, indicando o motivo de sua “saliência”. Há o esclarecimento de que a sua “combinação marca as quatro etapas da história pátria: I – A formação (Salas: *Alvares Cabral*, o Descobridor; *Martim Affonso*, o Colonizador; *Anchieta*, o Evangelizador; *Paes Leme*, o Devassador dos sertões); II – A Liberdade (Salas: *Tiradentes*, o Precursor; *José Bonifácio*, o Patriarca; *Ruy Barbosa*, o Paladino da Liberdade); III – O Império (Salas: *Caxias*, o Pacificador; *Mauá*, o Empreendedor; *Visconde do Rio Branco*, o Abolicionista; *Pedro II*, o Magnanimo) e IV – A República. (Salas: *Benjamim Constant*, o Propagandista; *Deodoro*, o Proclamador; *Prudente de Moraes*, o Iniciador Civil; *Oswaldo Cruz*, o Saneador).(Prospecto, 1928, p.14)

A proposta referente à “república escolar”, a qual integrou a reforma da instrução pública de São Paulo, em 1920, era considerada condição para “formar o hábito dos deveres cívicos para com a Pátria (...) e converter os moços em cidadãos”. (Dória, 1923, p.170) Segundo ele, essa proposta, “inovadora entre nós”, foi implantada nos Estados Unidos, onde estava produzindo os melhores resultados. Embora tal proposta não tenha vingado na reforma da instrução pública paulista, encontramos a implantação de algo semelhante à “república escolar”, ou seja, um espaço de formação cívica dos jovens, na Associação Escolar Rio Branco. A Associação era uma agremiação dos alunos do Lyceu, pertencentes aos cursos ginasial e comercial.

C) CONCLUSÃO

Estes são alguns exemplos que oferecem uma amostra do investimento não pequeno, considerando os padrões da época, realizado pelos fundadores do Lyceu, especialmente Sampaio Dória, Lourenço Filho e Almeida Junior. O prospecto de 1928 informava que já estava em funcionamento o “novo prédio” do Lyceu, à rua Dr. Villa Nova, 20. “Todo de cimento armado, obedece aos mais perfeitos requisitos da higiene pedagógica”. Este novo prédio, de cinco andares, comunicava-se com outro pertencente à instituição, na rua Maria Antonia 52, com dois andares. Há fotos das salas de aulas e demais dependências, apresentando os alunos em laboratórios, em “atividades de projetos”, cuja imagem difere bastante daquilo que tradicionalmente se considerava uma escola e o estudo em sala de aula.

É possível identificar no Lyceu Nacional Rio Branco a presença de concepções educacionais defendidos por eles nas várias instituições e ocasiões em que estiveram juntos, especialmente na Reforma de 1920 – uma das grandes causas educacionais na qual estiveram envolvidos.

A decisão de participarem não só da criação do Lyceu, como também a atuação marcante dos três na organização e condução da instituição, ao que parece, pode ser considerada um importante e decisivo “nó” da rede de relações e instituições na qual Sampaio Dória, Lourenço Filho e Almeida Junior estiveram envolvidos.

. É provável que as credenciais por eles construídas desde meados de 1910, bem como o padrão de organização escolar adotado no Lyceu, justifique a adesão de seus amigos e de uma parcela da elite política e econômica paulista, cuja confiança depositada na instituição ajudou a mantê-la no rol das mais importantes instituições educacionais particulares de São Paulo, do período republicano.

No Lyceu Nacional Rio Branco Sampaio Dória, Lourenço Filho e Almeida Junior realizaram cotidianamente os ideais de uma educação moderna defendidos anos antes.

BIBLIOGRAFIA

- BATISTA, Nórton A S. 1996. *Há muito ainda por fazer*. São Paulo
- DÓRIA, Antonio de Sampaio. 1923. *Questões de Ensino – A Reforma de 1920 em São Paulo*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia Editores.
- FÁVARO, Maria de Lourdes de A. e BRITTO, Jader de Medeiros (orgs.). *Dicionário de educadores no Brasil*. 2002. Rio de Janeiro, Brasília: Ed UFRJ, Inep.
- HISLDORF, Maria Lucia Spedo. 1998. Lourenço Filho em Piracicaba. In: SOUSA, Cynthia Pereira. *História da Educação – Processos, práticas e saberes*. São Paulo: Escrituras.
- LARIZZATTI, Doris Sathler de Souza. 1999. “A luz dos olhos de um povo”: os projetos de educação do jornal *O Estado de S. Paulo*. 1920-1934. PUC/SP. (dissertação de mestrado).
- LYCEU NACIONAL RIO BRANCO. 1927. *Prospecto*.
- _____. 1928. *Prospecto*.
- _____. 1934. *Prospecto*.
- LUCA, Tania Regina de. 1999. *A Revista do Brasil – um diagnóstico para a nação*. São Paulo. UNESP
- MONARCHA, Carlos & LOURENÇO F., Ruy. (org.). 2001. *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: Inep.
- NERY, Ana Clara Bortoleto. 1999. *A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*. Tese de doutorado: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
- Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Secretário do Interior pelo Prof. Guilherme Kuhlmann – Diretor Geral da Instrução Pública – S. Paulo. 1921. *COLEÇÃO DE LEIS E DECRETOS*. Vol. XXX..
- SIRINELLI, Jean-François. 1996. Os intelectuais, in: RÉMOND René. *Por uma história política*. UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas.